BARÃO DE CAMUCIM

(Homenagem do Instituto do Ceará no dia comemorativo do primeiro centenário do seu nascimento — 2 de Fevereiro de 1947

Palavras de LEONARDO MOTA em nome do Instituto

Enfrentando o risco de ser considerado imitador do renitente, inesgotável jornalista Assis Chateaubriand (que já prefaciou alguns milhares de discursos, ao ensejo de baptisamento de aviões), eis-me, de novo, não só a me congratular convosco pela celebração do centenário de um cearense ilustre, mas, também e sobretudo, a abrir caminho, como simples arauto, para o orador oficial desta reunião.

Ressaltemos logo de entrada, que a comemoração do primeiro século de nascimento do Barão de Camucim foi iniciativa do "Instituto do Ceará". Quando na derradeira sessão de Dezembro enumerei os centenários celebráveis ao longo de 1947, incluí o de Geminiano Maia entre os mais merecedores de serem evocados. Isso faz avultar o significado da homenagem que hoje tributamos a um coestaduano eminente, homenagem que não nos foi insinuada nem padrinhada por quem quer que fosse.

Aquele a quem nesta data o "Instituto" homenageia foi um aracatiense de destacada projecção no cenário económico e na vida social de nossa terra. Se é certo que a boa fortuna nunca o deixou de favorecer, também é exacto que ele mereceu as simpatias da sorte. Tal como a honradez, a operosidade e a clarividência dos negócios impulsionaram sua atenção às situações de máximo

relevo em nosso mundo mercantil, o cavalheirismo e o aprumo de perfeito homem de sociedade fizeram dele uma das figuras mais representativas do Ceará de seu tempo. Foi com justa causa que a política o fez Vice-Presidente da Proviíncia, que nações extrangeiras lhe confiaram a representação consular em nosso meio, que o Governo de Portugal o distinguiu com o baronato.

Geminiano Maia não tinha a rigidez dos sujeitos presunçosos, por serem destacados. Era, ao contrário, compreensivo e de trato afável.

Num dos seus livros de memórias, em "*Coração de Menino*", aludindo às primeiras amizades que fez em sua infância, Gustavo Barroso conceitua: — "De todos esses amigos aquele por quem tenho maior simpatia é o Barão de Camucim, Geminiano Maia, com casa de fazendas, quase à esquina da rua Senador Alencar. Estou ainda a vê-lo, baixote, corado, de suíças grisalhas, fraque preto e cartola. Casado com uma senhora francesa, habita um palacete na Praça de Pelotas, com duas altas araucárias dum e de outro lado da escadaria da entrada, no meio de bela chácara, murada e gradeada, onde cuida, com desvêlo, de óptimo pomar. Guardo do Barão de Camucim uma grata, comovida lembrança".

E o nosso Barão de Studart indigita Geminiano Maia como "homem dotado de sentimentos filantrópicos" e que, por isso mesmo, tem o seu nome inscrito entre os dos protectores de vários estabelecimentos da antiga Província".

Ora, Sr. Presidente, em geral os honorificados com títulos de nobreza eram pessoas de pingues recursos financeiros, mas nem todos os Barões que Studart cataloga no seu "Dicionário" mereceram do Mestre essa honrosa referência a sentimentos altruísticos, reconhecidos ao Barão de Camucim.

Benemérito das instituições, da beneficência, também o comércio citadino lhe deveu não só a montagem de uma loja de modas que marcou época na vida elegante desta capital, mas igualmente a construção do "Palácio Guaraní", que foi duradouramente a jóia arquitectónica de Fortaleza. É que, inteligente e observador, Geminiano Maia teve proveitosas permanências no Velho Mundo e...

Não quero, porém, nem devo embarafustar pela biografia

que, dentro de instantes, com brilho, vai ser reconstituida neste recinto.

Folgo em ver conosco as pessoas que cultuam, com afecto motivado, a memória que o "Instituto" hoje reverencia.

O Barão de Camucim faleceu a 25 de Outubro de 1916. Cinco anos antes, isto é, a 22 de Novembro de 1911, ele lograra a felicidade de ver que sua dilecta filha — Dona Ceci — realizava o sonho de amor da sua juventude.

"Sonho de amor da juventude"... Cabe aqui uma bisbilhotice perdoável. Maximiano Leite Barbosa Filho, em 1904, foi condiscípulo meu e do Dolor Barreira no Ginásio dos Beneditinos, na Serra do Estêvão. Pois já naquele tempo, nos alcantis serranos, ele se mostrava ralado de saudades desta capital, e, salvo engano desta minha indiscreta memória, tais saudades eram de alguém que tinha por nome aquele dissílabo sonoro e evocador de uma das heroínas de Alencar... Nunca imaginei que mais de quarenta anos depois, eu estivesse a prestar o meu depoimento sobre esse romancete, que trago à baila porque, sem ele, estariam sendo outros nesta sala os mais legítimos representantes da família de nosso homenageado.

O Barão de Camucim vai ter por panegirista um dos mais equilibrados espíritos da moderna intelectualidade cearense. O Dr. Lauro Chaves, homem de letras e de ciência, é um arredio das evidências e rivalidades. Enquanto os peralvilhos, os troca-tintas, os remendões da literatice se esbofam pela notoriedade, ele se refugia no estudo perseverante, indiferente à glacíola da publicidade. E' um valor que teima em não dar nas vistas, um valor que se compraz em viver, com serena compostura, à margem de quaisquer competições, sem acotovelar os caçadores de renome, sem se aparceirar com os que são sacudidos e agitados pela fome canina das honrarias.

Quando uma belonave tedesca — o cruzador "Ssclesien" — visitou o Ceará em 1936, o Dr. Lauro Chaves honrou a cultura cearense, saudando os marujos alemães na própria língua dos mesmos, e, quando das bodas de prata sacerdotais do Monsenhor Octávio de Castro, o discurso do Dr. Lauro Chaves no Seminário de Fortaleza foi um dos pontos altos daquela inolvidanda festa de letras. Vi-me obrigado a lhe lembrar esses

episódios da sua carreira literária, quando, sob o cândido pretexto de não ter dotes oratórios, ele tentou esquivar-se ao convite do "Instituto" para vir ocupar nossa tribuna.

Além da radiosa idoneidade intelectiva do Dr. Lauro Chaves, outra circunstância contribuiu para que lhe confiassemos o discurso oficial desta sessão. Consorciado com uma neta do Barão de Camucim, ninguém como ele, por suas facilidades de ter em mãos o arquivo da família, estaria mais apto a gizar o lúcido, o percuciente ensaio biográfico, que ora vamos escutar e aplaudir. Compendiado em nossa Revista, esse estudo será fonte obrigatória de consulta para quem quiser interpretar a personalidade humana de um dos mais austeros componentes da nobiliarquia do Ceará de antanho.

Sr. Presidente — se aos mortos é dado interessar-se pelo que fazem os vivos, à alma boa de Geminiano Maia está sendo agradável a certeza de que a posteridade lhe faz justiça. Numa votiva oferenda de saudades e de bênçãos, conosco estão aqui aqueles que ele tanto amou. E os guardiões do património histórico do Ceará, os vexilários da tradição cearense — os sócios do "Instituto" — cortejam, reverentes, a memória do Barão de Camucim !

Discurso do DR. LAURO CHAVES em nome da família do homenageado :

Bem haja o Instituto do Ceará, na sua faina benemérita de exumar do Passado nomes ilustres, para apontá-los às gerações presentes, como atestados vivos da excelência de nossa matéria prima humana.

O espírito que animou os nossos ancestrais reponta, aqui e ali, nas florações vicejantes de sua descendência, unido ao sangue e a demais factores biológicos de suas personalidades.

O nome hoje celebrado nesta casa é o de um homem de incontestável valor. Geminiano Maia, Barão de Camucim, foi um rebento ilustre da gleba baixo-jaguaribana e que se projecta no tempo, fora dos limites de sua existência material.

Física e psicològicamente, tinha o Barão de Camucim os elementos característicos dos descendentes dos povos europeus. Sua tez alva com coloração rosada, a conformação da cabeça e pigmentação dos olhos, a fecundidade de sua inteligência, seu espírito de iniciativa, o seu bom-gosto pelas artes, suas aspirações sempre voltadas para as elevações morais, a estruturação de uma personalidade sempre equilibrada, dele fazem um tipo de escolha, padrão para uma geração que quer progredir.

Diz a tradição que Geminiano Maia descende remotamente de colonos holandeses que se tinham estabelecido em Pernambuco e que se retiraram quando os portugueses os desalojaram de suas posições; muitos deles internaram-se no interior à procura de novo *habitat* e o encontraram no vale do Jaguaribe; ainda hoje, percorrendo aquelas regiões, deparam-se-nos numerosos atestados dessa migração em exemplares alvos, louros, de olhos azuis, dolicocéfalos.

Seu pai, Cosme Afonso Maia, homem de recursos modestos mas de grande largueza de sentimentos, exerceu influência, digna de registo, entre as famílias da cidade de Aracatí. Sua mãe Da. Teresa de Jesus Maia, senhora de excelsos dotes de coração, era ligada por parentesco próximo à família Leite, também de Aracati.

Desse casal benquisto e respeitado nasceu Geminiano Maia em 2 de Fevereiro de 1847. Da mesma progénie nasceram numerosos irmãos, homens e mulheres. O numeroso da prole criou condições vantajosas para a educação dos filhos; embora à primeira vista pareça dificultar a educação, muito ao contrário, na prole numerosa, os filhos aprendem a ter solidariedade fraterna, deixando de ser egoístas nas pequeninas cousas. Os filhos varões têm, pelas razões biológicas peculiares às suas glândulas, um inato espírito de iniciativa e coragem; no convívio, as irmãs adquirem dos irmãos um pouco dessas qualidades e, por sua vez, os irmãos das irmãs uma certa dose da sua delicadeza, da sua brandura. E no entrechoque dos pequenos interesses infantis vão desaparecendo as arestas contundentes dos temperamentos, para dar origem ao tipo misto ideal, misto de coragem e ternura, de iniciativa e previdência, de decisão, tenacidade, paciência, resignação. Teve Geminiano Maia as vantagens de ser membro

de uma prole numerosa e os seus pais lhe transmitiram na infância os conhecimentos que possuiam em letras, que não eram grandes, e em ciência, que não podiam ser maiores; conseguiram, todavia, despertar no filho o estímulo para mais largos empreendimentos.

Sentiam que Aracati não realizaria nunca os ideais do filho e promoveram os meios de transferí-lo para Fortaleza.

Aos 17 anos, aqui chegando, com regular soma de conhecimentos e um ardente desejo de trabalhar e vencer, difícil não lhe foi colocar-se no comércio, trabalhando numa casa de portuguêses de boa reputação. Conquistou a confiança de seus patrões, tornando-se, com algum tempo, o *fac-totum* da firma.

Com alguns anos de trabalho economizou uma importância, com a qual pôde estabelecer-se mais tarde, por conta própria, de sociedade com seus irmãos numa loja de modas, denominada "Louvre". Na sua incontida sede de progredir empreendeu nessa epoca, aos 25 anos de idade, uma viagem a Paris, que lhe proporcionou nova orientação, novas ideias, novos rumos para o seu comércio. A circunstância de possuir um sócio em Paris, remetendo para o Ceará o que aparecia de bom, de novo, de útil, trouxe para a Casa Louvre lucros verdadeiramente fabulosos e significou para Geminiano Maia os alicerces de sua honrada fortuna, conquistada a golpes de trabalho intenso e equilibrada economia.

Menos de um ano esteve em Paris e, ao regressar à Pátria, tinha crescido no conceito dos seus conterrâneos e dos poderes públicos, matriculando-se no Tribunal do Comércio de Pernambuco em 1874, o que naquela época, valia uma posição definida de comerciante, com todas as prerrogativas legais. Grangeando essa qualidade aos 26 anos de idade, consolidou o seu nome; e paralelamente sua firma e sua fortuna caminharam num crescendo de prosperidade.

E tão avultados já eram seus haveres, quatro anos depois, em 1878, que deliberou fixar residência em Paris e separou-se da sociedade comercial.

Chegando pela segunda vez à capital da França, teve suas emoções despertadas pelo que havia de belo, nos tesouros de arte dos museus e monumentos públicos. Suas relações com abastados

comerciantes estenderam-se às respectivas famílias e dentro em pouco ligou-se pelo casamento, a uma senhorita, natural de Bordéus — Rose Nini Liabastres.

Senhora da mais apurada educação social e doméstica, exerceu notável influência na vida de Geminiano Maia; e um ano de estada em Paris permitiu ao casal satisfazer sua curiosidade de atentos observadores.

Para o cearense, habituado ao trabalho diuturno, para o cearense que foi criado numa infância sem abastança e numa adolescência sem sobras, a vida elegante, improdutiva, só por curto espaço pode contentá-lo. A nossa inclinação nativa cedo se satura de epicurismo: nossa natureza áspera, a insegurança das estações de colheita, dão ao cearense na época de sua formação mental, um sentido novo, um sentido forte às suas aspirações, e Geminiano Maia, que foi fruto de terra pobre, não podia por muito tempo viver a vida dos *boulevards,* dos museus e cassinos, a contemplar a arte passada e a contemporânea, e pensou lògicamente em voltar para a sua Pátria para reencetar sua vida de trabalho. Não consta que tivesse tentado estabelecer-se no comércio de Paris; talvez as leis francesas não o permitissem aos estrangeiros, ou mesmo percebesse ele alguma circunstância desfavorável no modo de comerciar.

Um ano, ou pouco mais, durou essa segunda estada em Paris; voltando ao Brasil em 1879, com a sua jovem esposa, novamente se estabeleceu agora com o ramo de fazendas por atacado, iniciando a construção de sua residência num dos pontos mais elevados da cidade, em local adjacente à actual Praça da Bandeira. Foi uma residência, em estilo Renascença, discrepando inteiramente do tipo de moradias, adoptado na cidade, e revelando, a par da sobriedade de adornos, uma intuição exacta de princípios higiénicos. Foi essa, na ordem cronológica, a primeira iniciativa com que pretendeu modificar a feição de sua cidade.

Em 1881 foi distinguido pelo Governo da Bolívia com a nomeação para cônsul dessa Nação, e em 1889 o Czar da Rússia conferia-lhe igual distinção. Aos cidadãos naturais dessas duas potências dispensava Geminiano Maia especial atenção, correspondendo da melhor forma, à confiança daqueles dois Governos.

Nesse interregno, seu conceito se consolidava, sua fortuna aumentava.

Mas Geminiano Maia tinha, por inclinação natural, a vocação do chefe de família e via com certa tristeza repetirem-se algumas gestações mal sucedidas de sua senhora. Compreendeu que devia estar em jogo algum deficit de saúde, que o meio médico local não logrou vencer, e deliberou nova viagem a Paris, a capital da Ciência e da Arte Médica de então. Estávamos em 1884.

Um ano de demora em Paris, com a assistência de vultos exponenciais da medicina daquele tempo, alcançou o casal realizar o seu sonho; e a 10 de Janeiro de 1885 nasceu em Paris sua única filha, aqui presente, Senhora Ceci de Camucim Leite Barbosa, que o pai teve o cuidado de registar no Consulado do Brasil, para conferir-lhe a nacionalidade brasileira. Com um mês de nascida a criança, regressou a família ao Ceará, onde a menina viveu até os seis anos de idade.

Inúmeros actos de filantropia assinalam esse trecho de sua vida: valiosos donativos foram feitos ao Asilo de Mendicidade, situado no local que é hoje ocupado pela Escola Preparatória de Cadetes. Igualmente foi contemplado o Hospício de Alienados de Arronches, hoje Hospital Psiquiátrico de Parangaba.

Ainda hoje se encontram vestigios dessas benemerências em pratos de excelente fabricação inglesa, com a inscrição "Oferta de Geminiano Maia".

Sua casa era procurada por inúmeros parentes pobres, aos quais dispensava o casal um amparo delicadamente caridoso. A ninguém impunham eles a humilhação de receber uma esmola, que, na verdade, é grande provação para a pobreza envergonhada. Uma ocupaçãozinha qualquer por ligeira que fosse era a justificativa para a remuneração; ninguém saía com as mãos vasias, mas ninguém pensava que tivesse recebido esmola, senão a paga do seu trabalho. Essa é a mais perfeita compreensão da caridade cristã, que auxilia as necessidades materiais, sem arranhar a sensibilidade moral.

Também o culto católico teve nele um generoso protetor: a Igreja Matriz da Pendência, hoje Pacoti, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, as capelas S. Diogo de Cajazeiras e a de

mente faleceu de meningite. Entre as flores da sua sepultura destacava-se uma rica *corbeille* oferecida pela Princesa.

Deixando a família em Paris, viajou Geminiano Maia para o Brasil, e foi agraciado em 20 de Abril de 1893 pelo Rei de Portugal e dos Algarves, D. Carlos, com o título de Barão de Camucim. El-Rei justificava o seu acto com os merecimentos pessoais do agraciado e pelos bons serviços desinteressadamente prestados a portugueses residentes no Ceará. Não se sabe por quem foi sugerido ao Rei de Portugal esse acto, mas supõe-se ter sido a família imperial brasileira, exilada na França.

Em 1896 a família Maia, agora família Camucim, voltava ao Brasil e novamente o Barão de Camucim ficava à testa dos seus negócios. Eleito Presidente da Associação Comercial, planejou com os elementos de projecção no Comércio a fundação de um Banco, tipo sociedade por acções e conseguiu levantar uma soma em dinheiro bastante avultada naquele tempo. Na discussão dos Estatutos não se chegou porém a um acordo e o Barão, para evitar a devolução do dinheiro aos accionistas, resolveu aproveitá-lo na construção de um edifício, para sede condigna da Associação Comercial. É o Palácio Guarani, actual sede do Banco dos Importadores, um edifício suntuoso, com perfeita harmonia de linhas arquitectónicas, e que foi citado durante muito tempo, no estudo da corografia do Ceará, como um dos principais edifícios de sua Capital. Nesse prédio gastou o Barão não mais de 156.000$000. Era em 1908. Por essa época sentiu o Barão as primeiras consequências de sua vida de trabalho e preocupações. Uma crise de angina do peito seguida de dores precordiais, palpitações, anunciavam-lhe a necessidade de reduzir seus negócios, necessidade que ele compreendeu muito bem, e que o seu bom-senso aceitou como uma contingência inapelável. Dono de haveres cuja renda lhe permitia uma vida de conforto, pouco a pouco se foi esquivando às actividades. Nos últimos anos de sua vida procurou e encontrou a tranquilidade no seu lar.

Mas nunca se deixou vencer pelo tédio e passava a maior parte do tempo entretido na boa leitura. A Enciclopédia Francesa, as Fábulas de La Fontaine, a História Universal de Cesar Cantu, o Teatro Clássico todos editados na língua original foram os seus livros preferidos; mas tinha um carinho todo especial

pelo livro de D. Luís de Orleans e Bragança "Sous la Croix du Sud", de que possuía um exemplar, ricamente encadernado, com uma dedicatória, autógrafa, de nosso malogrado Príncipe; e mantinha correspondência com membros da família imperial, de quem sempre recebeu inequívocas demonstrações de estima.

A largos espaços repetiram-se outras crises de angor pectoris, até que, numa delas, veio a falecer. Assistiu-o em sua doença e foi testemunha de sua morte o seu grande amigo Dr. Paula Rodrigues. Finou-se a 25 de Outubro de 1916, aos 69 anos de idade, após ter recebido os sacramentos da Igreja. Seis meses depois, abalada pelo golpe desferido nas suas mais caras afeições, sua querida e terna esposa, a Baronesa de Camucim, também entregava a sua alma a Deus. Ambos estão sepultados no Cemitério de S. João Baptista desta cidade.

Até na sepultura da família, preparada em vida do Barão, fez ele imprimir um traço característico de sua personalidade: a sobriedade de adornos, austeridade das linhas.

É a esse varão ilustre, senhores, que prestais agora, a homenagem do Instituto do Ceará.

Louvável a vossa justiça. Compreensível o vosso carinho. Bendita a vossa lembrança.

O sangue do Barão de Camucim aqui está presente em sua descendência honrada, perlustrando as pegadas seguidas na vida, por aquele respeitavel velhinho, nas suas tradições de honra, de honestidade, de amor ao trabalho, de culto à organização da família, de apreço à sociedade, devotamento à Pátria e de louvor a Deus.

A memória do Barão de Camucim não mais pertence à sua família, porque já está incorporada ao património de glórias do Ceará, das suas glórias mais autênticas, mais legítimas, porque é oriunda do seu solo, cresceu no seu meio, pelo suór do seu pai e pelas lágrimas de sua mãe, prosperou no seu labor honesto, serviu de exemplo aos seus concidadãos, educou seus descendentes.

Foi filho amoroso, irmão dedicado, pai extremoso, amigo leal, cidadão cheio de virtudes cívicas. Homem completo, enfim, tanto quanto possível à humildade das criaturas de Deus.